

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA

CONSELHO DE DESENVIMENTO CULTURAL DO ESTADO DO RIO GRANDE

MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL

DO SUL

NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA

Projeto: Homenagem a Xico Stockinger

Promoção: Grupo Vila Nova

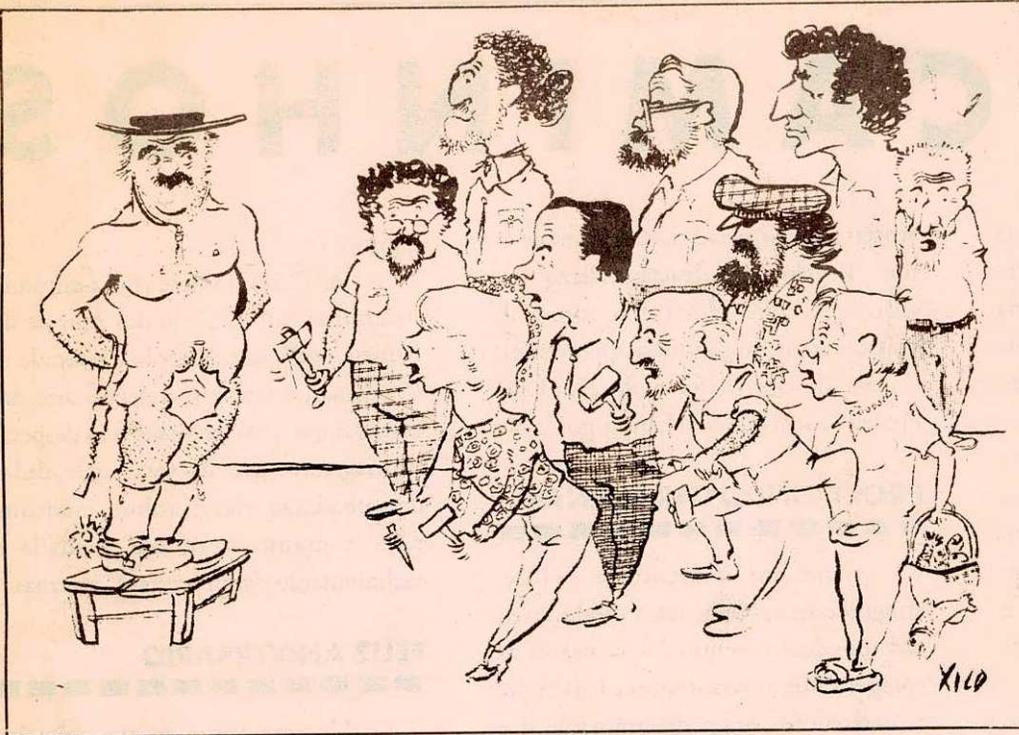
Local: Saguão

Nº de peças:

Período: 01/07/94 a 10/07/94

Observações:

Homenagem a Xico Stockinger - Saguão. Homenagem do grupo Vila Nova ao artista. Trabalhos dos escultores Henrique Radomsky, Irineu Garcia, Nilton Maia, Waldomiro Motta, Eloísa Tregnano, Hélio Santos, Ben-Hur e Damé, incluindo obra de seu mestre. Até 10/07.



Charge de Xico Stockinger criada para exposição do grupo Vila Nova, em 89.

## TRIBUTU A XICO STOCKINGER

O grupo Vila Nova presta homenagem ao seu amigo e professor Xico Stockinger como reconhecimento à generosidade do artista, que lhe deu espaço e condições para desenvolver seu gosto pela escultura. E mostra seu trabalho, juntamente com Stockinger, de 26 de junho a 10 de julho no sagüão do MARGS.

Xico adquiriu em 1980, no bairro Vila Nova, um terreno para instalar sua fundição e trabalhar com pedras. Sabendo da necessidade do grupo de um espaço para criar, abriu suas portas e seu coração.

Hoje, quase todos os seus integrantes têm atelier próprio, mas continuam esporadicamente, a trabalhar na Vila Nova. Reuniram-se assim Henrique Radomsky, Irineu Garcia, Nilton Maia, Waldomiro Motta, Eloísa Tregnano, Hélio Santos, Ben-Hur e Damé, para agradecer em sua linguagem o carinho do mestre.

Jornal: Zero Hora  
Data: 28 / 06 / 94  
Página: 1 2º cad  
Assunto: Xico Stockinger  
homenagem MAR65

# SEGUNDO CADERNO

ZERO HORA - TERÇA-FEIRA, 28 DE JUNHO DE 1994

## Mestre da escultura diz que começou por acaso

Xico Stockinger recebeu na semana passada o título de Cidadão de Porto Alegre. Hoje, será homenageado por amigos

EDUARDO VERAS

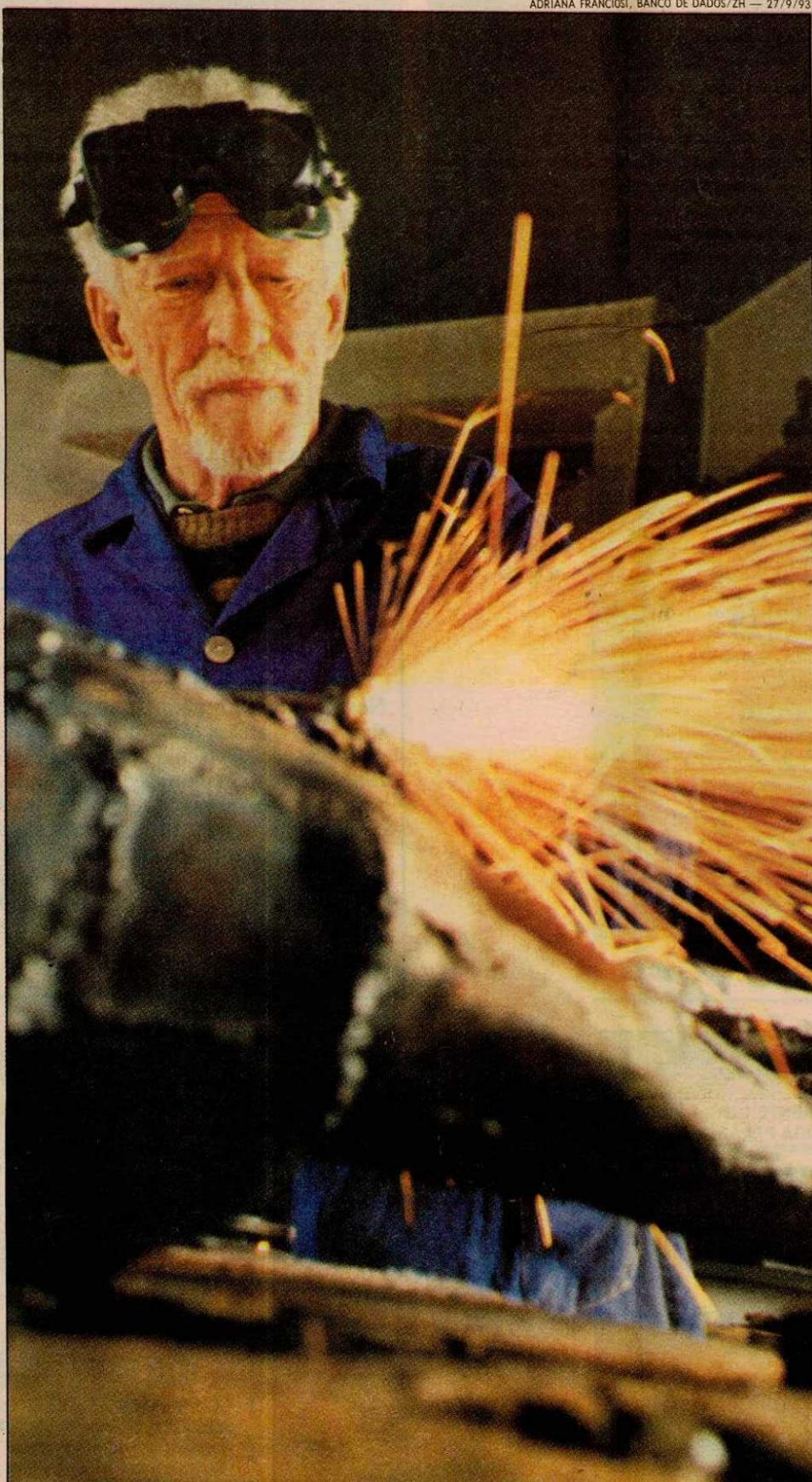
**A**o receber o título honorífico de Cidadão de Porto Alegre, na semana passada, o escultor Francisco Alexandre Stockinger, 74 anos, lembrou que nunca foi cidadão de uma cidade. "Saí de Traun (Áustria) ainda como criança de colo e não voltei jamais". Xico Stockinger chegou ao Brasil em 1921, trazido pela família. Morou em Mato Grosso e no Rio de Janeiro, onde estudou aviação, meteorologia e, enfim, escultura, com Bruno Giorgi, a partir de 1946. Desde 1954, o artista está radicado em Porto Alegre. A partir de hoje, será homenageado com uma exposição no saguão do Museu de Arte do Rio Grande do Sul, na Praça da Alfândega. São obras de Ben-Hur, Damé, Eloísa Tregnago, Hélio Santos, Henrique Radomsky, Irineu Garcia, Nilton Maia e Waldomiro Motta — escultores que trabalharam ou trabalham no ateliê de Stockinger em Vila Nova. Em seu outro ateliê, em casa, no Cristal, o artista falou com Zero Hora sobre arte e homenagens.

**Zero Hora — O que o senhor está achando destas homenagens?**

**Xico Stockinger —** Não sei. Acho meio esquisito. Não sou muito de homenagens. Mas acharam que eu merecia. O grupo que fará uma exposição em minha homenagem é todo de amigos que freqüentavam o meu ateliê. É uma oportunidade de eles demonstrarem um pouco de afeição. Sei lá. A gente tem que aceitar estas coisas nesta idade. A gente não trabalha para isso, mas enfim...

**ZH — O senhor foi aviador e meteorologista. Como descobriu que queria ser artista?**

**Stockinger —** Eu fazia sempre desenhos, caricaturas de amigos, por galhofa e também porque gostava de desenhar, mas era uma coisa mais ou menos inapta, a que eu nunca dei muita importância. Pessoas conhecidas me diziam: "Xico, você precisa aprender pintura". Eu respondia: "Não. Pintura, não. Eu quero fazer escultura". Não sei por que razão eu dizia isso, mas dizia. Nunca pensei em ser escultor. Foi tudo por acaso. Acabei tendo um certo jeito para isso, um certo talento, e fui indo.



**À procura da tragédia**

Xico Stockinger lembra que a escultura lida com a deformação, assim como a caricatura

**ZH — Não começou tarde?**

**Stockinger —** Comecei a fazer escultura com 27 anos de idade. Já estava meio velho.

**ZH — Foi mais difícil por causa disso?**

**Stockinger —** Acho até que foi mais fácil. Você já está mais maduro mentalmente, essas coisas todas. Tive dificuldades porque já tinha de sustentar uma família. Quando você está só, num caso destes, fica um pouquinho mais fácil.

**ZH — Caricatura e escultura têm linguagens muito diferentes. Como foi a transição de uma para outra?**

**Stockinger —** São coisas totalmente diferentes. Mas, hoje em dia, em arte — hoje em dia, não, mas no meu tempo —, o que predominava mais era o expressionismo. Ao fazer essas coisas expressivas, digamos, você sempre apela um pouco para a deformação, como na caricatura. Só que, na caricatura, você deforma no sentido do humor. Na deformação expressionista, você procura a tragédia. O princípio da deformação, porém, é o mesmo.

**ZH — Como foi o período em que trabalhou como diagramador?**

**Stockinger —** Comecei a ser chargista para sobreviver da escultura. Diagramador, fui por acaso. Quando trabalhava na *Última Hora*, do Rio, fazendo charge, era a época dos argentinos. Veio uma porção deles trabalhar com o Samuel Wainer. Os jornais argentinos eram, graficamente, os mais bem-feitos que havia. Eu aproveitei, comecei a aprender com eles a diagramação, mais por curiosidade. Quando vim aqui para trabalhar na *Hora*, houve um problema e ninguém conseguia diagramar. O Capitão, um baixinho de quem tenho muita saudade, Erasmo Nascete, perguntou se eu sabia diagramar. Eu disse que saber, sabia. E experimentei. Foi o meu azar. Diagramação de jornal novo, onde todo mundo está começando, era um inferno. Ia às 14h e saía às 6h, não dormia. Nessa época, não dava para fazer escultura. Aí, comecei a fazer gravura. Felizmente, houve uma briga. Saiu o Josué (*Guimarães*), o Cândido (*Norberto*), a Gilda Marinho e eu saí junto também.

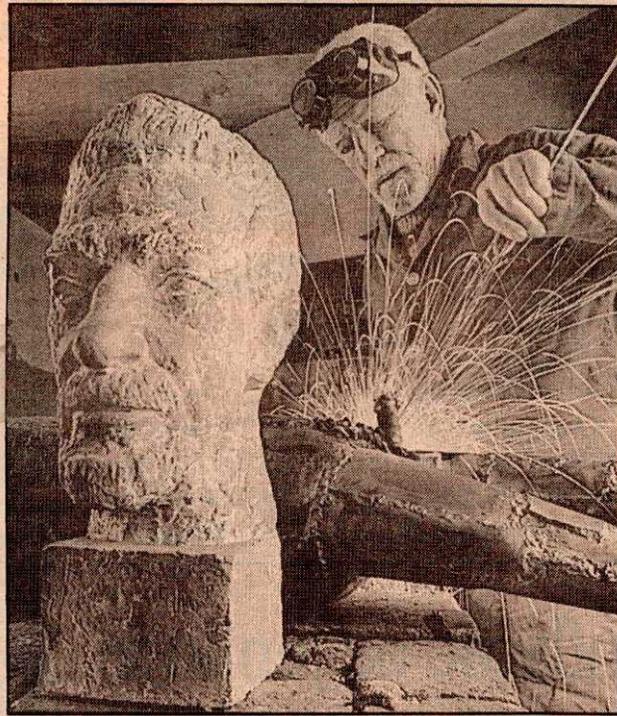
A ENTREVISTA COM XICO STOCKINGER CONTINUA NA PÁGINA 5

Jornal: Zero Hora  
Data: 28/06/94  
Página: 2 Rio Stockinger  
Assunto: Homenagem  
NO MARCOS

**SEGUNDO CADERNO**

**Homenagem a Xico Stockinger**

ADRIANA FRANCIOSI, BANCO DE DADOS/ZH — 27/9/93



□ O escultor Xico Stockinger, 74 anos, recebeu na semana passada o título honorífico de cidadão de Porto Alegre. A partir de hoje, o escultor será homenageado com uma exposição no saguão do Museu de Arte do Rio Grande do Sul.

## Xico Stockinger gosta de trabalhar com o inesperado

O escultor acredita que o próprio material pode apontar caminhos para um artista

**X**ico Stockinger não é apenas um dos mais importantes escultores do país. Entre os amigos, tem fama de gentil e bem-humorado. Há sempre várias pessoas trabalhando em seu ateliê. "O Xico é muito generoso", elogia o escultor e amigo Vasco Prado. A surdez, que acompanha Stockinger há mais de 20 anos, não é empecilho para as amizades ou para o trabalho. Stockinger trabalha várias horas por dia, todos os dias. Uma das suas criações mais recentes é uma escultura abstrata em granito. Realizada a convite da Prefeitura Municipal de Porto Alegre, a peça será colocada em um parque da cidade.

**ZH — Sempre há muitas pessoas trabalhando no seu ateliê. Gosta disso?**

**Stockinger —** Tenho dois ateliês, um aqui (Cristal) e outro na Vila Nova. Aqui, em geral, não aceito ninguém. Não trabalha ninguém. Só eu mesmo. Fico mais comigo mesmo. Lá, como é um espaço maior e se trabalha em pedra, tem a fundição também, dá para trabalhar muita gente. Na pedra, o sujeito vai num canto, pega um pedaço de pedra, trabalha, fica e não incomoda. E eu fico no meu canto, fazendo as minhas coisas. O número de pessoas varia. Não são alunos. Não gosto de ensinar. Estou aprendendo ainda. São pessoas que já conhecem escultura e que não tem lugar onde trabalhar. Não são aulas. De vez em quando e com o tempo, depois que ficamos amigos, a gente troca idéias, conversa. É tudo na amizade. Convivendo com os outros, mesmo com quem está começando, você aprende também. Anima.

**ZH — Lembra um pouco aquele sonho de Van Gogh de uma colônia de artistas?**

**Stockinger —** Isso é meio engraçado. Seria bom. Mas você frequentar diariamente uma roda de artistas é meio duro. Eu sou ligado, mas muito ligado, ao Vasco (Prado) e ao Iberê (Camargo), mas colônia de artistas... Não sei, seria difícil. Acho que a gente precisa ficar um pouquinho isolado.

**ZH — Como é a sua rotina de trabalho?**

**Stockinger —** Normalmente, levanto cedo, lá pelas 6h30min, 7h. Caminho 50 minutos. A região cardíaca e as cinco pontes



### Aprendizado diário

Stockinger encontra lições no trabalho dos outros. Na foto, seu rosto moldado pelo amigo Vasco Prado

(de safena) exigem isso. Enquanto caminho, dentro da estufa, circulando, fico namorando os meus cactos (são mais de três mil vasos). Tomo café, volto um pouco para a estufa, olho um pouco os cactos, são 8h. Ai começo a trabalhar. Trabalho mais ou menos até às 11h, 11h30min, conforme as necessidades. Ai, como pequeno burguês, tomo meu aperitivo, almoço, vou para a Vila Nova. Chego mais ou menos às 13h e saio às 17h. Lá, trabalhamos o tempo inteiro. Um papo aqui, outro lá, mas se fica trabalhando, martelando e fundindo. No

verão, fica-se até mais tarde. Mas, no inverno, escurece cedo. Escultura é uma coisa diurna. Não sei por que, mas não sei fazer escultura de noite. Quando não pude trabalhar de dia, comecei a fazer gravura. Xilogravura, principalmente, é um negócio noturno. Não sei bem por que, mas é. Hoje em dia não faço mais. Não dá tempo de fazer tudo.

**ZH — O senhor faz um esboço antes de esculpir?**

**Stockinger —** Varia um pouco. Algumas vezes, faço projeto, desenho antes. Noutras, come-

ço e desenho depois. Em pedra, principalmente, não vou com idéia fixa. O bloco de pedra é que vai me indicando o caminho. Você começa a trabalhar e começa a surgir a coisa. Ai, desenvolve a idéia a partir deste início inesperado, não planejado. Muitas vezes, ao trabalhar, a coisa se transforma, você erra, enfim surge um pedaço qualquer, lhe chama a atenção, e você vê então a verdadeira escultura que vai sair. Gosto de trabalhar com o inesperado. Se eu desenho muito, faço maquete e vou fazer depois, sai uma coisa fria, ao menos na minha

visão. Não sei, não sinto a coisa.

**ZH — Quais os materiais que o senhor está utilizando?**

**Stockinger —** Aos 74 anos, você pode fazer tudo. Trabalho de manhã aqui em ferro e madeira soldados, mas tenho trabalhado pouco nisso. Faço mais por encomenda. Raramente, faço por prazer, porque já me cansei. Lá na Vila Nova, ainda tem muita coisa para fazer em pedra. E também demora muito tempo para executar. Agora, estou pensando em fazer uma pedra com dois metros e oitenta (de altura), mas nunca pensei que dois metros e oitenta fosse tão grande. Está lá o bloco e não consigo mexer. Enorme o bloco. Preciso quebrá-lo em dois.

**ZH — E o bronze?**

**Stockinger —** O bronze também me interessa muito. Eu mesmo fundo. Gosto muito do material, das texturas. Até da pátina eu gosto.

**Quando não tinha dinheiro, eu fazia uma escultura em bronze e derretia em seguida para fundir outra peça**

**ZH — O senhor não tira cópias? São sempre peças únicas?**

**Stockinger —** Como trabalho em cera, no bronze, ao derreter, ela se perde. Se a fundição não sai, perco a escultura. Nos bons tempos — eram bons os tempos — não tinha dinheiro para comprar o bronze, eu fazia uma escultura, e uma semana depois derretia para fundir outra.

**ZH — Vem trabalhando sobre algum tema específico?**

**Stockinger —** Mais ou menos. Há uns tempos atrás li sobre os homens-gabirus, lá do Nordeste, indivíduos pequenininhos, baixinhos, cujo prato principal aos domingos era o rato que se chama gabiru. Aquilo me impressionou. Ai resolvi fazer uma série, ainda estou fazendo, já tenho umas 30 peças prontas. São gabirus, são figuras para chocar. Aquilo é tão trágico que a gente fica assim... Faço a escultura, mas perde um pouco o sentido também. A escultura a gente faz também para que as pessoas gostem e apreciem. Se você faz um negócio desses, fica difícil os outros gostarem. E depois a gente não ganha a guerra. Isso é que é pior.